

Apresentação

Vozes da Floresta: literaturas e culturas indígenas

Os povos indígenas ainda sofrem com uma visão colonial e estereotipada construída historicamente acerca de suas culturas e cristalizada no imaginário brasileiro. Daniel Munduruku, em *Banquete dos deuses*, afirma que “aprendemos nos livros que o índio vive em função do colonizador e é tratado sempre no passado, não lhe restando nenhum papel relevante na sociedade contemporânea” (MUNDURUKU, 1999, p.24). Esse olhar ocidentalizado de parte da sociedade, fruto do pensamento colonial, expressa uma compreensão objetificada sobre os povos indígenas, não os enxergando em sua subjetividade, cultura e capacidade de transformação. Nas comunidades, a reconstrução e a renovação das culturas e das identidades indígenas ocorrem a partir de estratégias utilizadas para potencializar suas falas, fazendo-as adquirir um alcance mais amplo entre os não indígenas. Deve-se levar em consideração que a comunicação tem sido um ato vital para os povos originários, ao perpassar diversas de suas práticas cotidianas, desde o contato com os encantados, passando pela criação de grafismos em cestarias, em pinturas corporais, o uso de plumagens, dentre outras manifestações. Nesse sentido, as mutações comunicacionais contemporâneas impactam a autoexpressão e autorrepresentação indígena, que busca na tecnologia da escrita, nas mídias e nas diferentes linguagens novos circuitos de disseminação de suas vozes. É necessário, pois, elaborar outras imagens sobre esses povos, questionando a visão etnocêntrica, os estereótipos e os apagamentos perpetrados

pela cultura branca ocidental em direção às essas múltiplas culturas, para que se possa entender o pleno direito à escrita, à mídia e às artes. Assim, esses grupos poderão estabelecer uma estratégia decolonial, ao construírem literaturas, mídias e artes indígenas marcadas pela autonomia e protagonismo, indicando que não se mantêm estáticos no tempo e podem desempenhar o papel fundamental de diversificar as potencialidades desses campos na contemporaneidade. Em vista dessas perspectivas, a **Revista Tabuleiro de Letras**, considerando a importância da visibilização dos estudos e das pesquisas sobre as culturas dos povos originários e, de os indígenas promoverem sua autoexpressão, disponibiliza aos leitores e às leitoras, neste número, o dossiê *Vozes da Floresta: literaturas e culturas indígenas trazendo* investigações acerca de produções literárias, artísticas e de conteúdos nas plataformas digitais. No artigo “Os Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá, Ticuna e Krenak gritam: cuidado, o Curupira vai te pegar!”, Antônio Rogério dos Santos, Ananda Machado e Valtenir Soares de Abreu analisam, inventariam denominações, capacidades de ação, de interpretação e de comparação entre obras de autoria indígena Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá e Ticuna, acerca de seres encantados indígenas, ressaltando o poder regulador do Curupira como ser protetor da floresta e da vida, buscando assim decolonizar os estudos de literatura e desconstruir estereótipos construídos; em “A poética de Auritha Tabajara: autoficção em Coração

na aldeia, pés no mundo”, Paulo Marcelino dos Santos e Elizabeth Gonzaga de Lima examinam os processos autoficcionais elaborados por Auritha Tabajara, cordelista, mulher Tabajara, nordestina, LGBTQIA+, em *Coração na Aldeia, pés no Mundo*, buscando demonstrar de que maneira a escritora se transforma em personagem e em objeto de um discurso construído por um eu textual, biográfico e ficcional a partir do cordel; no texto “Cordilheira de amora II: Detritos de infância Guarani-Kaiowá”, Bárbara Soeiro discute “Cordilheira de amora II”, curta-metragem documental produzido pela cineasta Jamille Fortunato (2015), gravado na aldeia Amambai, no Mato Grosso do Sul, que acompanha a garotinha Guarani Kaiowá Cariane Martins, se debruçando sobre o saber infantil simultaneamente associado ao saber indígena, ambos saberes tidos como “menores” frente a um sistema-mundo moderno que privilegia o conhecimento europeu; no artigo, “A literatura indígena dos Maraguá: da produção à publicação”, Francisco Bezerra dos Santos apresenta considerações que abrangem o processo de produção de narrativas oriundas da oralidade e dos saberes ancestrais, a publicação e o mapeamento da produção literária dos Maraguá, etnia que se configura na atualidade como a maior produtora de literatura indígena no Estado do Amazonas, com cinco escritores em atuação; em “O pensamento das moscas e o Júpiter para os kayapó: refletindo sobre narrativas e as interações entre humanos e mais-que-humanos nas redes sociais”, Michelly Silva Machado analisa, por meio da etnografia digital, duas narrativas pertencentes ao universo textual dos Kayapó, que versam sobre as interações entre humanos e mais-que-humanos, publicadas na plataforma Facebook

por um locutor Kayapó, Okreãjti Metukti-re. O propósito de compartilhar um dossiê crítico, diverso, reunindo múltiplos olhares acerca de diferentes etnias indígenas é possibilitar que cada leitor escute as vozes da floresta e compreenda o diálogo que os indígenas por meio da escrita, da mídia e da arte estabelece com a contemporaneidade, a fim de sobreviver à necropolítica que vem sendo perpetrada no Brasil. Alguns fatos recentes têm evidenciado a violência sofrida por essas comunidades e por ativistas que defendem a vida indígena e a preservação das florestas. Entre abril e maio de 2022, a situação do garimpo ilegal nas terras Yanomami se agravou. Algumas pessoas desapareceram – o que provocou a criação da campanha virtual “#OndeEstãoOsYanomami” –, lideranças foram ameaçadas e o processo de genocídio desse povo foi intensificado. E o mês de junho de 2022 atesta a barbárie, a opressão a que as populações indígenas de norte a sul do país vêm sendo submetidas, em especial, os povos isolados do Vale do Javari, na Amazônia, quando no último dia 05, dois defensores da garantia dos direitos dessas etnias foram cruelmente assassinados, o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Philips. Diante desse contexto, mais do que nunca, as vozes da floresta precisam ser alçadas e ouvidas, pois resistir continua sendo o modo de vida nestes cinco séculos!

Elizabeth Gonzaga de Lima
Randra Kevelyn Barbosa Barros
Organizadoras